



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

4 de Janeiro de 1964  
ANO XX — N.º 517 — Preço 15

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAVO DE SCUSA \* FUNDADOR: Padre Américo \* ALIAS DO CURRÍCULO PARA PAVO DE SCUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS \* CONJUNTO E IMPRESSO: EST. GRAFICAS A CASA DO GAIATO

Communicantes... todos na mesma vocação, para celebrar o Santíssimo Nome de Jesus, pelo exercício de *um* apostolado — nunca, como na hora do 24.º aniversário da Obra que servimos, nós tivemos tantas razões para procurarmos a *forma* por que Jesus se fez encontrado com Pai Américo, quando o convidou a segui-LO.

Somos oito. Seremos amanhã quantos Deus sabe e quer. Estivemos até agora próximos no espaço. Porém, este dia do San-



Pai Américo sorri, contemplando o alargamento da Obra da Rua para além-mar

## Cantinho dos

## PADRES DA RUA

tíssimo Nome de Jesus, marca o nascimento oficial de duas novas comunidades, à distância de muitos milhares de quilómetros, os quais, apesar de todos os meios modernos, não deixam de ser uma dificuldade àqueles encontros físicos que alimentam a nossa unidade.

Nós sabemos que Jesus não sofre qualquer limitação de tempo ou de lugar. Aqui ou nos antípodas, é Ele a mesma e única «Pedra Fundamental», que garante a solidez de toda a construção, que visa tocar o Céu, não como em Babel, mas pela revelação aos homens de que «nenhum outro Nome lhes foi ou será dado pelo qual possam ser salvos». Sabemos mais: Que é Ele Quem dá o risco de todas as diversas edificações, que cabem na Sua Igreja. Mas conhecemos, também, a nossa fragilidade e sujeição a muitas limitações; e que teremos de rever, vezes sem conta, o risco que Jesus fez para nós, afim de que, aqui ou nos antípodas, seja uma e a mesma a «Pedra Fundamental» e seja igual, até ao pormenor mais íntimo, toda a edificação que emprendermos.

Não quero dizer que a consideração do nosso caminho se reduz à contemplação estática de um momento histórico: a vocação de Pai Américo. Esse momento é o princípio de *um* diálogo entre o Céu e a Terra, o qual se desenvolveu ao longo da vida sacerdotal de Pai Américo e que, mesmo após ele, se pode desdobrar em aspectos novos pelo contributo da reflexão de cada um de nós, sob o olhar iluminante e perseverante de Deus. Mas as linhas de força deste desdobramento são a continuação daquelas, essenciais, que têm a sua origem na vocação de Pai Américo.

Por isso a nossa unidade nada tem a ver com monotonia. (Ela comporta muitas diversidades accidentais, que são enriquecimento). A unicidade da «Pedra Fundamental» diz que estamos vitalmente unidos à Igreja de Cristo. A igualdade essencial da traça de cada novo empreendimento não significa repetição. Todos temos consciência do quanto somos contra a fôrma. É a unidade da forma que procuramos, *daquela forma* por que Jesus se fez encontrado em Pai Américo, quando o convidou a segui-LO, a qual definiu o rumo do *nosso* caminho o é a alma do *nosso* apostolado.

Que a Graça própria para cada um de nós neste 25.º ano de actividade, que a Obra da Rua agora inicia, seja o aprofundamento da nossa vocação específica — qual árvore que se firma afundando as raízes e cresce bebendo a seiva na Veia das Águas Vivas que se chama Cristo Jesus.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## MALANJE

Por FERNANDO DIAS

**H**OJE começo pelas saudades e abraços para os nossos irmãos metropolitanos. Saudades... todos as temos. Talvez uns mais, outros menos; mas o que é certo é que todos os que viemos temos laços inquebráveis que nos ligam donde saímos. Mas todas estas saudades serão compensadas por laços que vamos enraizar nesta nossa Casa do Gaiato, quanto mais nos dermos ao ideal que abraçamos. A Obra nesta ocasião, pede-nos um pouco do muito que nos deu e por conseguinte é justo que não Lhe viemos as costas. Eu sei que dar-mo-nos é muito mais difícil do que simplesmente dar; mas por ser difícil é que o devemos fazer. Deus nunca nos pede do que não seremos capazes. Por isso, façamo-lo com alegria, embora nos custe.

Já devia ter mandado esta crónica há muito tempo, mas não tenho tido disposição para a fazer. Ao acordar, tenho prometido quantas vezes fazê-la, mas chego à noite, depois do trabalho na quinta, e o sono não me deixa. A malta já diz que me mordeu «a mosca do sono», mas a

causa é outra. Eles bem o sabem. Presentemente, estamos a viver na cidade. É uma cidade pequena, mas bela e bem portuguesa. Deus no-la conserve.

Quando tivermos a casa mi construída, ou talvez antes, abandonaremos este «Ninho dos pequeninos» pela nossa própria casa na quinta do Cula-Mu-chit. É uma quinta realmente bela, que a Providência guardou para os gaiatos abandonados, a 10 Km da cidade de Malanje. Uma vez lá estabelecidos, poderemos, como é desejo da Obra, abrir um pouco mais a mão, a uma dúzia de rapazes dos muitos sem ninguém, que esperam por nós poderemos até dar um pouco de auxílio aos habitantes das cubetas mais próximas, pois aqui, principalmente, a «Messe é grande e os operários são poucos». Depois de alguns dias de l

Continua na TERCEIRA página

## Benguela

Por PADRE MANUEL ANTÓNIO

**A**CABEL, há pouco, de dar volta por Benguela. Não foi turismo. Fui na minha missão de «Padre da Rua». Fui pedir. Comigo levei o Xico, Vitor e Manel da Creche. Bati a muitas portas.

Algumas grandes, outras pequenas. Vivemos dos grandes e dos pequenos. Não recebi um não. Graças a Deus. Vim contente como um passarinho. Porquê? Vi a satisfação com que receberam este pobre Padre. Sentí a alegria do seu dar.

Disseram sim, não para se livrarem da nossa presença, mas porque sentiram obrigação de colaborar. Ouvi. Agradei. Deixei-o ficar e vim a ruminar as palavras daquele gerente da empresa. Colaborar. Trabalhar em

comum. Dar as mãos uns aos outros. Eis a única maneira de uma nação progredir. É condição essencial de progresso social cristão. É o que nós queremos e é o que Angola precisa.

Desde que chegámos, uma sensação de pequenez se apoderou de nós. Sentimo-nos pequenos diante de tamanha grandeza, que nos confunde e esmaga. Angola é essa grandeza. Seremos dignos dela na medida em que nos dermos as mãos. Ela há-de ser conquistada pelo Amor. Merecê-la-emos na medida em que nos amarmos.

Contei aos rapazes o que vi e ouvi nesta volta. Se visseis a alegria deles! Nós somos uma família e há que sentir em família tudo o que nos diz respeito. «Os Srs. de Benguela são tão bons! Benguela vai passar à frente do Porto no carinho para com a Casa do Gaiato», dizia o Xico, entusiasmado. Tanto não tenho coragem de afirmar. Conheço o Porto. Pai Américo conheceu-o e enamorou-se dele.

Mas Benguela é baírrista. O seu campo de

Continua na QUARTA página



# BARREDO

Da última vez tinha ido ao Barredo pela mão do Fernando, que aproveitou despedir-se dos seus Pobres. Começámos a escurecer e fomos pela noite dentro. Dizia ele que era para os apanhar em casa. Depois disso, tentei ir lá sozinho. Quase não fiz mais nada que apanhar uma grande molha, pois caía muita nessa tarde. Desta vez ao sair a segunda que visitava, aparece uma mulherzinha, que hoje mora para lá da ponte da Arrábida num bairro novo e airoso. «É muito boa a casa mas fica muito longe». Já tinha observado o mesmo de manhã quando andei pelo Bairro de S. João de Deus. É muito bom mas fica muito longe. Foi até muito difícil dar com ele porque ninguém sabia dizer onde era.

É sempre assim; dificilmente se sabe onde e muito mais como moram os Pobres. Pois aquela mulher ofereceu-se para servir de guia nos meandros do Barredo. Foi comigo e entrou na casa de muitos que os conhecia bem. Quem como eles os conhecerá!... Subimos à Calceira; «agora há sempre um pouco mais que fazer». Lá ficou feliz a trabalhar para o seu bando. Não assim a vizinha. Aquela do quarto pequenino de 50\$00 por semana. O filho

já vai sobre as ondas. E ela chora porque o queria ali consigo, agarrado à sua miséria. Deixou-lhe uma pensão em dinheiro como ela nunca viu, mas que nunca substitui a presença do filho. «Eu antes o queria a ele». Como a subir reparasse em certa porta aberta com muitos dentro, perguntei quem era. «Está muito doentinho, já veio o senhor abade sacramentá-lo. É uma miséria muito grande também!» Entrei sem receio de ser inoportuno. A mulher acaba de arrumar qualquer coisa; está na cama o doente. Na cama estão os quatro filhos a brincar, porque não cabem no chão. Ali tudo é escuro; as crianças são-no ainda mais de sujas. O pai está a morrer mas não dão por isso, se o seu viver é também morrer. Eles brincam com a morte. Trocámos umas palavras, mas as minhas não encontraram como eco nem queixume nem resignação. Só silêncio. É no silêncio que se ouve Deus. E ali Ele faz-se ouvir tão bem. Que diferença de outras zonas da cidade onde há barulho e só fala o homem! A morte é muito familiar nesta zona da cidade. Já passou pela mulher do Sr. Dionísio e levou-a; e o Sr. Dionísio lavou-se em lágrimas quan-

do nos viu. Também já não tem forças para se levantar.

Ao Sr. Vitorino foi um salto. Falei-lhe do Calvário que ele, afinal, sabe aonde fica. «Sou dali perto; fazia carretos em carros de bois entre Felgueiras e Porto, mas estou aqui bem. Andei por África e vim cair nesta cama. Não quero dar mais tombos». Os Pobres não se sentem bem quando ajudados à nossa maneira, mesmo que seja a mais lógica. Querem a sua independência. E às vezes preferem não receber a nossa ajuda a mudar o seu pensar. São eles. Temos que os respeitar. Mesmo quando não compreendem, não lhe podemos levar a mal.

A Rosinha estava muito triste. «Tenho tudo empenhado, até a roupa do pequeno». E mostrou-me talões e talões do penhor. Temos passado muito frio. «Se ao menos pudesse ser os cobertores e a roupa do rapaz!...» Ia tudo para duzentos escudos. Mas as necessidades que tem são maiores: os juros, os remédios e a renda. «Mandei o catraio buscar-me os remédios. De cada vez que faço curativos à perna — de dois em dias — é um maço de algodão, uma caixa grande de óxido de zinco e meio metro de gaze! Deixei-lhe o mais que pude; o bolso já ia ficando no fundo. Quase chegou para os cobertores. Muitos precisávamos para distribuir por lá e só hoje chegou de Lisboa a Senhora deles. Deus a conserve por muitos Natais.

Padre José Maria

# Quem levanta o dedo?

Precisamos de uma máquina de somar, para a Tipografia e Administração do Jornal. Uma máquina (mesmo usada) que alivie e facilite o serviço dos nossos escritórios.

Uma só chega perfeitamente, pois as duas secções mais movimentadas da nossa Aldeia são porta com porta.

Não temos, felizmente, «secretaria», com orçamentos, ordens de receita, de pagamento e toda aquela papelada que é o pão nosso de cada dia dos senhores burocratas. Estamos isentos disso, graças a Deus. Mas cada uma das nossas secções de trabalho tem as suas contas caseiras. E a Tipografia, então, prima com delas um nadinha mais aperfeiçoadas, de acordo com o ritmo crescente do seu movimento.

Se o nosso querido Pai Américo fosse vivo tinha mais um motivo — e que motivo! — para tecer um brilhante poema, como tantos que ilustram as históricas páginas do Famoso.

Ora a gente não pede muito. Uma só chega. Quem levanta o dedo por uma máquina de somar?

Júlio Mendes



## Auto-Construção

Auto-Construção exige um mínimo de organização. Trabalhando com grupos e demonstrando a executar longo tempo as suas tarefas, só a organização poderá defender e garantir o movimento. E já aqui começa a dificuldade. Toda a organização limita a liberdade. Toda a limitação da liberdade é custosa para o indivíduo. Daí ser custosa a Auto-

-Construção. Os povos com poder e hábitos de organização são os mais progressivos. Certamente o homem não é uma máquina, mas também não poderá viver como se fosse sozinho no mundo. À medida que a civilização adianta a organização impõe-se. Os barcos de há quinhentos anos e os de hoje! As oficinas de há duzentos anos e as fábricas de hoje! Os organismos oficiais de há cem anos e os do nosso tempo! Que enorme diferença. Os filósofos virão dizer que esta gigantesca organização diminui, aniquila e materializa o Homem. Não importa. Logo a seguir à publicação dum ensaio nesse sentido, a organização se estende e aumenta. Não podemos lutar contra as grandes organizações. Faremos, sim, o que pudermos para as harmonizarmos. Será o caminho. Sem organização não poderá haver Auto-Construção. É uma característica bem essencial. Não ignoramos as dificuldades que isto gera. O homem prefere ser pobre e livre — livre no sentido menos nobre, menos elevado — a ser rico e limitado nessa dita liberdade. E assim Auto-Construção que poderia e devia ser para todos será sempre, apenas, para alguns. Oxalá esses alguns sejam bastantes, sejam milhares, sejam milhões. Que Deus ilumine muitos e muitos trabalhadores para compreenderem que só colaborando com outros, diferentes de si mesmos, organizando-se solidamente poderão realizar-se como indivíduos e como cidadãos. Sobretudo que Deus

# ORDINS

Graças às vossas encomendas, as nossas teceiras e aprendizes, este ano tiveram um Natal mais consolador: «não só de pão vive o homem», mas ele também é preciso. De todas elas vai um reconhecido «muito obrigado».

Tivemos algumas visitas, que marcaram sua presença pelas peças que levaram. Então pelo correio, nem se fala... Até o Carteiro está admirado de tanta cor e pondência. Deus seja louvado pela justa compreensão desta obra.

Para a Póvoa de Varzim, 70 chales, com promessa de continuar. Lisboa diz assim: «neste mês, venho muito atrasada com a minha pequena contribuição do que peço descul-

pa. Sempre que leio as vossas notícias, fico triste, por não ver mais contribuições mensais». Quem tira a tristeza a esta Senhora? São Martinho do Porto, uma capa e três pegas.

Lisboa «como fiquei satisfeita com a primeira encomenda, aqui estou com a segunda. E lá foram mais uma capa e quatro camisolas.

Outra diz assim: «recebi o chale, que com os que já mandei vir, são sete. E é sempre com grande satisfação material e ainda mais moral». Envio 20\$00 para a ajuda da cobertura do poço, e lamento por ser tão pouco, mas Deus sabe que o desejo é grande. Vivo também do meu trabalho, e rogo ao Senhor que abençoe o vosso, despertando

muitas encomendas, para que possam ter um Natal alegre na paz de Deus». O mesmo desejamos nós a todos os benfeitores.

Uma anónima manda 200\$00, sendo 100\$00 para uma capa, e o restante para ajudar as obras do poço. E, continua a assinante n.º 9305, «se cada uma das 9.000 assinantes desse 10\$00 — e quem os não pode dar? — já o Sr. Padre arranjará uma boa quantia para a Obra. Que lhe parece? Porque não lança a ideia? Teria uma procissão interessante». Oxalá que isto tenha seguimento. Nada acrescento ao alvitre desta Senhora, pois ela diz tudo.

PADRE VIEIRA

## Saudades de Além-Mar

Longe de tudo e de todos, a quem tanto quero, sinto que a saudade se apodera de mim a cada instante, obrigando-me a escutar o silêncio que já se estava prolongando demais.

Vai fazer sete anos que aqui estou (no Brasil) e até parece mentira. O tempo passa, mas o sentimento, a gratidão, permanecem firmes ao recordar os belos tempos de Gaiato.

Não há vida melhor que ser Gaiato. Levantar, tomar o café, trabalhar, ir para a escola, o cobiceado recreio, onde cada um pode escolher como divertir-se, para finalmente dar Graças a Deus na Capela. Isto, é viver uma vida pura, sábia, onde as tentações do mundo moderno não têm cabimento. Falo com sinceridade e com a experiência de quem viveu aí durante nove anos. Debaixo dessas telhas, foi que aprendi a ser Homem honesto e cumpridor dos meus deveres.

Aqui, trabalha-se com prazer e vive-se no meio dum Povo alegre e humorista, cujas mágoas ou ressentimentos pessoais, passam despercebidos, constituindo a vida um passatempo divertido. Mesmo assim não esqueço o berço e os momentos alegres que aí passei. E quem não lembra o Pai Américo? Quem o poderá esquecer? Tenho a impressão de que está vivo, com o seu sorriso de bondade que muito o caracterizava. E quando as nossas travessuras mereciam castigo ou modos de tratamento mais severo? Ele preferia ensinar, sem usar da violência. Foi um Pai, um Amigo sincero, cujos conselhos e ensinamentos a todos cativava, constituindo-se um verdadeiro Mestre na arte de bem ensinar.

MANUEL HENRIQUES (Hélio)



«O Gaiato» ★

De Rapazes para Rapazes, pelos Rapazes

# ★ BELEM ★

Professora Primária Oficial, já nos 36 anos de serviço. Quanto desgosto não representam todos esses anos de exercício! Eu sei-o por experiência própria, pois exerci a mesma profissão mais de dez anos.

Como sabem bem as férias, passadas no repouso e no silêncio, a compensar a actividade e movimento exigidos numa escola primária, tantas vezes de 4 classes!

Pois ela aproveitou-as, mais que uma vez, para vir lá do Sul até «Belém» contactar connosco e conhecer directamente os problemas e actividades da Obra.

Depois decidiu: «Vou pedir a aposentação. Se ma derem, dedicarei a Belém os restos das minhas energias».

Pedi-a e deram-lha. Tinha projectado, e muito bem, ficar meio ano de repouso, para recuperar energias gastas. Mas eu queria mudar de casa e encontrava-me completamente só. Mandei-lhe um «ultimatum»: «Venha, ainda que tenha de fazer meio dia de repouso, senão não posso mudar».

Veio. Já passou a Páscoa de 63 connosco. Repouso, tem feito e normal, para qualquer pessoa. O que nós ambas mais receávamos era que não tivesse saúde suficiente para aguentar esta vida. Por isso combinámos ficar muito caladinhas e dar tempo ao tempo. Porém, segundo diz, tem passado melhor do que quando dava aula. Graças a Deus! Mesmo o clima áspero da região não lhe tem metido medo. Ela dá cá em casa pelo no-

ilumine e fortifique os nossos trabalhadores para que eles compreendam e suportem as contrariedades que esta organização lhes trará infalivelmente. Organizar-se é renunciar um pouco ao seu capricho; será orientar a sua actividade de harmonia também com a vontade alheia. Organizar-se será sempre comprometer-se. A organização exige disciplina, exige obediência, supõe uma fidelidade. Porque o homem, mesmo organizado, não é máquina, a organização irá mostrar as deficiências, as faltas, os atrasos e, nessas alturas, tem que haver o arrependimento, o propósito de emenda, a humildade de uns e, ao mesmo tempo, a desculpa, o perdão e a paciência de outros. Quem se organiza acabará sempre por dizer que ficou prejudicado. É a altura do exercício da justiça e muito mais ainda da Caridade. Mas é cada vez mais indispensável organizar. Correremos os riscos com clarividência e coragem.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

me de Mãe Ofélia. Se os senhores vierem e a encontrarem só a ela, não se admirem, pois que faz mais vida doméstica do que eu. E... cá nos vamos ajudando mutuamente e... aguentando o melhor possível e esperando que Deus mande gente moça, garantia do futuro de «Belém».

Se Mãe Ofélia não tivesse vindo, não teria sido possível a Belém dar, na altura própria, o passo de gigante que foi a mudança de instalações.

X X X

Se... não prestamos ouvidos ao chamamento de Deus, se... não quisermos dizer o nosso fiat no momento preciso, não esperemos que Ele nos leve à força, presos por algum cordel, porque Ele criou-nos livres e respeita a nossa liberdade.

Quanto bem deixa de ser feito por tantas vezes sermos surdos e cegos à voz e à luz de Deus...

X X X

Esta é a boa notícia que tinha para vos dar, em vésperas da Festa da Sagrada Família, a quem «Belém» foi entregue, desde o seu nascer.

Que todos os nossos Benfeitores se conservem unidos a nós, nesse dia, que é o da nossa Festa de Família, em acção de graças por tantos benefícios recebidos. Nós também os não esqueceremos, em nossas orações, e pediremos para todos muitas bênçãos do Céu.

X X X

Nota de presenças — Para resumir, direi que têm sido pontuais todas as pessoas que nos habituámos a ver marcar mensalmente a sua presença, cheia de amizade e interesse. Que o Menino Jesus as compense e as ajude a perseverar.

Do Porto, 50\$00 em acção de graças pelo sucesso de uma viagem longa. Da mesma cidade, retalhos e linhas e roupas. «Grão de areia» de Maria Júlia, de Lisboa. 20\$00 de Niza. 100\$00 de M. T. de Coimbra. De Moimenta da Beira, uma caderneta com selos de correio. Quem compra? Nota de 50 de Elvas. De Coimbra, «Migalhinha» para um quilo de rebuçados, 100 de Tondela e 20 de Luisa de Lisboa.

O Casal R. D. de Viseu, 50 para comemorar uma data, em dia de N.ª Senhora da Conceição. 50 de Vilar.

Roupas de Paredes da Beira. Do Porto 300\$00. Marília de Lisboa, 100\$00. Mais 50\$00 de Coimbra com beijinhos para as Belenitas. Senhor Cônego de Viseu 100\$. De Coimbra, 100\$ em vale. Maria Manuela e Gina Maria também nunca esquecem os seus vales. Vale de 100\$00 de Serrana da Estrela.

De Espinho umas bonitas cruzes para as Belenitas. 20 duma doente do Caramulo. Mais 100 de Beatriz de Coim-

bra. 50 do Porto, para ajuda da Casa Nova e outro tanto de Castanheira de Pera, com o mesmo fim.

Da Covilhã, lã em fio e camisololas.

Por intermédio de Paço de Sousa, 60 mais 320. Depositados no Montepio, em Lisboa, 2.720\$00, que me enviou o Senhor P.e José Maria. 100\$00 da Avenida da Bélgica, em Viseu. 300\$00 entregues no autocarro. 50 de Paço de Arcos e outro tanto de uma Maria de Portugal. Mais 100 para a Casa Nova. Mil de uma Inês da Lousã. 100 de Coimbra, a pedir orações.

E no próximo número continuamos.

Bem hajam!

I N Ê S

Casa das Belenitas  
Vildemoinhos — Viseu



O filho do Carlitos ao colo do Snr. Padre Carlos

# Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

buta, os caixotes foram abertos e as coisas postas nos seus lugares. Tudo chegou bem, excepto uma garrafa de groselha que a senhora do Lar do Porto nos deu e uma garrafa de espumante que veio não sei donde. E aqui já não falo das jarras do altar porque pode dar alguma síncope ao Pai Carlos. Ele que as escolheu com tanto gosto e... Das tábuas dos caixotes improvisaram-se algumas prateleiras e assim arrumámos tudo com mais eficiência.

Na semana seguinte, eis-nos a caninho da quinta. Lá, há muito que fazer e por isso não podíamos perder tempo. De certo, todos imaginam uma propriedade totalmente abandonada. Mas, para começar iniciámos a limpeza aos cafezeiros e derrotámos a maior parte das bananeiras bravias.

O Snr. Padre Telmo está contente e todos nós estamos, porque a rapaziada tem-se conservado forte e alegre, graças a Deus. Ele nos encaminhe sempre como até agora. Pois se todos continuarmos a viver fraternalmente, será a Obra mais fecunda e nós mais felizes.

Tirando as idas e vindas para a quinta e da quinta para casa, a nossa vida quotidiana continua como em todas as nossas: o Nelo, Domingos, Faniqueira (Snr. António Augusto) e eu, somos os principais fazendeiros. Ai as nossas mãosinhas!

O tractor que nos esperava na Missão, já estava cansado de não fazer nada; mas agora «tem tirado a barriga de misérias». É cada carrada de lixo de bananeiras! Ah, mas as bananas são colhidas assiduamente. E mesmo por não serem de boa qualidade, não deixam de nos satisfazer, principalmente em salada de fruta juntamente com mangas.

O Falcão, com a sua filosofia

toda, é o ajudante da Emília e está a fazer por aprender a cozinhar alguma coisa a ver se ela deita uma mão à costura.

O Tonito deu em estudante «profissional» pois tem pouco tempo livre. Como está atrasado em comparação com as outras crianças da escola e a Senhora Professora quer que ele faça exame de admissão — e nós também queremos — está a dar-lhe lições gratuitamente. Ele é um homem de sorte. Vejam lá que em vez de o aluno levar «uma prendazinha à professora» deu a Senhora Professora ao Tonito uma garrafa de espumante e um belo doce no dia dos anos dele. Parabéns ao Tonito e um muito obrigado à Senhora, pela sua gentileza.

O Laranginha — o nosso batata — lá vai indo à escola que é mesmo em frente da nossa casa. Mas mesmo assim, ele conseguiu safar-se duas vezes. Mas foi só ao primeiro dia. Agora já não é problema. Ele agora não falta mais. O que lá vai, lá vai.

O Manuelzito — um pouquinho rejilão, próprio da sua maneira de ser, lá vai limpando a louça e a casa e não serve muito mal à mesa. Um dia destes foi connosco para a fazenda, ver se seria capaz de cozer umas batatas; mas com a sua calma toda, saiu-se mal. E o resultado foi eu perder o tempo à volta do tacho e que deveria perder na labuta das bananeiras. Mas nós não desanimamos. Ele vai ser mais despachado um pouquinho e assim já não teremos que vir ao meio-dia almoçar à cidade e gastar gasolina que nos custa os «olhos da cara».

O Faniqueira tem ainda dois

dias por semana para exercer a sua profissão de sapateiro e escolhe os dias de treino no parque, porque senão não chega à quinta a tempo.

Os que estão, realmente, a exercer mais a sua arte é o Neca e o Quim de Perozelo que com a sua calma toda, lá vão dando conta do recado. Mas o Manuel Cardoso (Neca), como é um rapaz habilidoso, tirou-nos de um grande apuro. É que o corte de cabelos é muito caro e ele tem jeito para a coisa! A primeira vítima foi o seu companheiro de trabalho e o certo é que não se saiu muito mal e assim vamos poupar uns bons patacos.

Em suma: o Sr. Padre Telmo diz que temos realmente merecido o pão nosso de cada dia à custa do suor do nosso rosto. Até ele tem pegado na «caneta pesada»!

FERNANDO DIAS

## UMA CARTA

«Não sei como estão as minhas contas no que diz respeito à assinatura do FAMOSO; mas quando eu estiver atrasado, cheguem-me.»

Seja como for, aí vai uma nota de cem escudos, para pagar, ou o atrasado ou o actualizado.

A vida actual absorve-nos de tal forma que não sobra tempo para nada, mas sempre vos vou lendo (às vezes...).

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pe os Rapazes

# Do que nós necessitamos

Da Foz do Douro, 5.000\$00 para a maior necessidade. Newark com 25 e 2 dollares.

Uma amiga com 148\$70. Da Marinha Grande 100\$00. De Rio Tinto 100\$ e mais 100\$00. Fábrica Dragão, 6 rebolos de esmeril para a nossa Serralharia. Sempre que batemos a esta porta, os nossos pedidos são acolhidos com simpatia.

Da Sociedade de Cristais, 200\$00. Cabeceiras de Basto com 50\$00. Muitas lembranças de Natal e muita amizade dos amigos de sempre.

Companhia do Açúcar de Angola com 1.000\$00. Igual quantia de anónimo. Mais do Porto, 100\$00, 1.000\$00, 50\$00, 50\$00, 100\$00, 20\$00 e 30\$00. De «Uma Alentejana», 600\$,

para várias obras. Palácio Ford com 360\$00. Pessoal da Mobil com 20\$00. E muitos pacotes de roupas, calçado, cobertores, brinquedos e mais e mais. E a senhora das camisolas que todos os anos se apresenta com muitas delas e todas tirones.

Da Empresa de Limas União Tomé Fêiteira, de Vieira de Leiria, mais um pacote de limas, que amiudadas vezes nos chegam e sempre em ocasião de necessidade. Da Junta de Freguesia de Arcozelo, 1.000\$, importância que envia todos os anos nesta quadra. E como sempre, a caixa de Vinho do Porto da Firma amiga Manuel D. Poças Junior.

Luanda com 20\$00. Mais 70\$00 «para o que entenderem». E 100\$00 de Lisboa. 10\$00 em selos, da Capital. Revistas, livros e romances, também de Lisboa. Um vale de 1.000\$00 de Anónimo de Alvalade. Dum Senhor que mora em Paredes, aqui a dois passos, «Uma dívida» à Casa do Gaiato e ao Calvário, com 2.500\$00. E de Domingos Magalhães, Lapa — Porto, 20\$00.

E mais um anónimo com 100\$ e 20\$. Assinante 682 com 100\$00. «Para a Obra de Pai Américo, ofereço o primeiro vencimento de meu filho, 558\$50». Duas presenças do Senhor Manuel da Rua da Corticeira, com 20\$00 cada uma. De Polónio Basto & C., do Porto, 250\$00 em comemoração do 40.º aniversário da firma. Por intermédio da Ideal Rádio, 150\$00 de anónimo e 20\$00 de Gaia. «Dum grupo de profissionais de seguros, simpatizantes da Casa do Gaiato, 140\$00». Devo dizer que estes amigos exercem a sua profissão na Companhia de Seguros Tranquilidade, no Porto.

Mais roupas, e camisolas e camisas novas. São tantos pacotes, que nem menciono as terras de procedência. E de Lisboa, 1.000\$00. De Rio Tinto, um nosso amigo e cliente da Tipografia, visitou-nos e à saída deixou-nos o donativo de 2.250\$00. «Anónimo 13» com 100\$00. De Algés, 100\$00 e 500\$00 e uma caixa de brinquedos. A. G. com 100\$00. Dum grupo de empregados da Fábrica de Sedas Nogueira, 256\$70. Anónima com 500\$00. Caldas da Rainha com 250\$00. Odivelas com 20\$00. Soure com os habituais 20\$00. E Aveiro com 50\$. Da Mealhada, 500\$. Vilar de Mouros com 40\$00.

Vila Real com 20\$00. «De uma Mãe Alentejana», 20\$00. E os sacos de castanhas e 420\$00 de assinaturas pagas, de senhora amiga de Carragedo de Montenegro. Fátima com 40\$00. De Parede, 250\$00

## BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA página

aviacão «Dakota» é um monumento ao bairrismo e à capacidade de união deste povo que é bom e confia em quem veio para o servir.

A razão, porém, que levou o Xico a proclamar a bondade dos Benguelenses foi o saber que a partir de Janeiro não nos hão-de faltar conservas nem peixe fresco. «Os senhores de Benguela são tão bons!»

\* \* \*

Chegou o primeiro jornal. Cá longe «O Gaiato» é esperado como maná do céu. Todos se juntam. Todos querem ler ao mesmo tempo. Há zangas e o jornal sujeita-se a uma série de atropelos. Há mesmo que intervir não vá suceder que seja esfarrapado. Também eu quero ler e não consigo. Nunca tinha experimentado tamanha saudade do nosso «Gaiato». Apesar disso, tive que ser o último.

Dentro de mim, enquanto esperava por vez, ria, ria, ria, a assistir a esta cena. Como explicar tudo isto? É que nós somos uma família e «O Gaiato» é o laço que nos traz sempre unidos. Começo a compreender a ansiedade em que vivem os nossos amigos quando, por ventura, o jornal sofre qualquer percalço e se atrasa. Experimentei.

\* \* \*

Sábado e domingo saiu «O Gaiato» para a rua, pela primeira vez, em África. Manhã cedo Xico, Vitor e Manel da Creche invadiram Benguela. Foi um assalto em forma. Os pontos estratégicos foram ocupados. Bancos, restaurantes, cafés, esplanadas e transeuntes que muito descansadamente passavam pelas ruas foram atacados de surpresa.

Nem sequer houve tempo de resistir e todos foram vencidos. Armas? Era «O Gaiato».

O desordeiro. O revolucionário. Porque não vos deixa dormir tranquilos. Porque não vos deixa comer tranquilos. Porque vos rouba a paz... quando a vossa paz fôr semelhante à das águas estagnadas.

E a simpatia dos nossos vendedores! Outra arma, também perigosa. Dizia-me alguém no dia seguinte: «ninguém era capaz de lhes resistir». Benguela veio no coração ainda pequenino dos nossos vendedores.

Prepara-te que quinzenalmente tê-lo-ás pela frente.

\* \* \*

Era ao sol pôr. O pôr do sol em Angola é deslumbrante. Aquele vermelho, côr de fogo, prende-nos o olhar.

A sineta da nossa casa deu o sinal do fim do dia de trabalho. Enxadas ao ombro, o suor de mistura com o pó, a escorrer pelo rosto; as padrolas vazias nas mãos dos mais pequeninos; todos regressavam a casa. O banho esperava-os. Vinham alegres. Cumpriram o seu dever. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e feliz.

Não lhes falta saúde, nem pão, nem cama, nem carinho. O Amor de Deus também lhes não falta. As ruas varridas pelos «batatinhas» estavam um primor. Vi-os passar. Via o pôr do sol...

A sineta voltou a tocar. É a hora do terço em família. Nós somos uma família cristã. Que quadro tão lindo!

Mas... do lado do poente há sombras. Uma delas bem perto de mim. Que escura! É de fazer arripiar. Seres humanos, filhos do mesmo Pai que eu e tu a sofrer sem um único carinho; a morrer sem amparo; a viver como animais. Porque estas sombras num quadro tão cheio de beleza? Heide falar-te muito delas. Não vá suceder que te prendas só à beleza do pôr do sol e não vejas as sombras negras... Porquê?

e 50\$00. E a Avó de Moscavide com 50\$00. E a presença de uma assinante da Bélgica. E António com o habitual donativo, por 2 meses. E a presença anual do pessoal da tecelagem da Fábrica do Jacinto, com 1.000\$00, 100\$00, 60\$, 15\$00 e 10\$00, tudo migalhas do muito carinho que nos dedicam.

E a necessidade que temos dum gira-discos, para quem deseja aperfeiçoar os conhecimentos da língua inglesa para obter colocação. Se possível, com o método de «Inglês em Linguaphone».

Em resposta ao apelo das novas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela, temos recebido presenças de muito amor dos amigos de sempre presentes na hora H.

De Lisboa um ferro de engomar, 200\$00 e muitas coisas. 40\$00 de Lisboa-2. Um vale de 200\$00 de Maria Ninguém, pelo regresso de um seu sobrinho do Norte de Angola. 50\$00 de quem pede «uma oração pelos meus pais e por mim». De Emília, 100\$00. Mais 20\$00, 100\$00, e 20\$00 da Nazaré. E 150\$00 e 50\$00 de Lisboa. De Ponte da Barca, 50\$. De Seia, 20\$00 de «Uma Maria Escondida». Mais 1.000\$00 de Lisboa e 20\$00 do Porto.

Manuel Pinto

## Crónica de Belém

CATECISMO — O grupo das maiores já deu o terceiro catecismo, há bastante tempo.

Quando a Mãe Ofélia veio, a nossa Mãe pediu-lhe a ela que nos examinasse. Como já tínhamos dado o catecismo há muito tempo e estávamos bastante esquecidas, tornámos a repeti-lo a três e quatro lições de cada vez. Só depois é que fizemos exame.

No fim de todas terem feito exame é que soubemos os valores. A Lurdes teve 19, a Marina teve 18, eu tive 17, a Cilita teve 15, a Conceição teve 13, a Maria de Fátima e a Licas tiveram 11, a Edite e a Deolinda tiveram 10, a Madalena teve 3. Foi a única que reprovou.

As que ficaram bem e tiveram mais de dez valores, receberam prendas. As que ainda não tinham Missal tiveram um, as que já tinham tiveram umas capas para ele e outras coisas.

Todas ficámos muito contentes com as prendas e dissemos que para o ano havíamos de ser outra Lurdes. Vamos a ver quem é que cumpre o que prometeu.

Mas a Mãe Ofélia disse que para o ano as prendas não serão dadas só pelos alunos! Será pelo nosso comportamento durante o ano, tanto na catequese, como nos outros lados e pela maneira como mostrarmos o nosso amor a Nosso Senhor. Porque o que vale são as obras e não as palavras. Pode até saber-se muito catecismo e não cumprir os mandamentos.

Agora já andamos a dar o catecismo da 4.ª e a nossa Catequista é a Mãe Ofélia.

Fátima



## VISTAS DE DENTRO

Tinha acabado uma das nossas refeições. O «Electricista» entra pelo refectório e diz: — Não há quem trate do cão; os «marcados» para lhe dar comer vão prá brincadeira e o «Dado» anda cheio de fome!

Filipe e Tónio (um angolano de cor muito simpático) são chamados à pedra. Aceso debate e assunto esclarecido: cada qual dava de comer ao cão, um dia um outro dia outro; mas no dia do Filipe o «Dado» passava-lhe o vício, porque o senhor Filipe ia armar ratoeiras aos pardais e o cão que farejasse.

O faltoso é castigado: primeiro, por não tratar do animal; segundo, por dar mau exemplo ao mais novo que está cá há pouco tempo. «Electricista» por enquanto

não volta a queixar-se...

X X X

Senhor Padre José Maria fez anos e a Senhora D. Hortência para lhe fazer um bolo pediu ao Carlitos — Chefe-mor dos galinheiros — 4 ovos. Mas não os havia e o Carlos, brincalhão como sempre, empresta à Senhora uma galinha que não punha há 3 semanas. E todos os ovos que pusesse ficavam ao seu dispor...

D. Hortência apresenta à galinha os melhores «adubos» que há e a ave quatro dias a fio pôs o ovo e depois parou; a Senhora fez o bolo: mas já lá vão 2 semanas e a galinha não tornou a pôr. Houve quem dissesse à Senhora que pró ano quando tornasse a vir o aniversário do Sr. Padre

José Maria a galinha poria outros 4 ovos. Será ela do Entroneamento?

X X X

Rufino tinha de ir ao Porto. Mas, enquanto preparava roupas, apanharam-lhe a mala sem ele ver e encheram-lha de palha! Amigo Rufino, sem nada suspeitar, e na pressa de apanhar o comboio, lá vai com a mala, que no regresso havia de vir cheia de compras para a tipografia. Chega ao estabelecimento. Na frente dos empregados abre a mala para emalar os embrulhos. E fica aterrado ante o espanto dos caixeiros ao verem tanta palha! Como ele se desencartou não sei; o certo é que chegou cá, pior que uma barata!

Américo dos Santos

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes